

VOLANTE VERDE



*Volante verde*  
António Ramos Rosa



Título original: Ciclo do cavalo  
© Herdeiros de António Ramos Rosa.

Edição:  
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:  
Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:  
LiteraturaBr Editorial

Capa:  
Sérgio Ricardo  
*Imagem utilizada na capa é de Ernst Haeckel*

1ª edição, Belo Horizonte, 2019.

*Nesta edição, respeitou-se a edição original.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

R788c  
Rosa, António Ramos  
Volante verde / António Ramos Rosa. - Belo Horizonte : Moinhos, 2019.  
112 p. ; 14cm x 21cm.  
ISBN: 978-85-45557-90-6  
1. Literatura portuguesa. 2. Poesia. I. Título.  
2019-609

CDD 869.108  
CDU 821.134.3-31

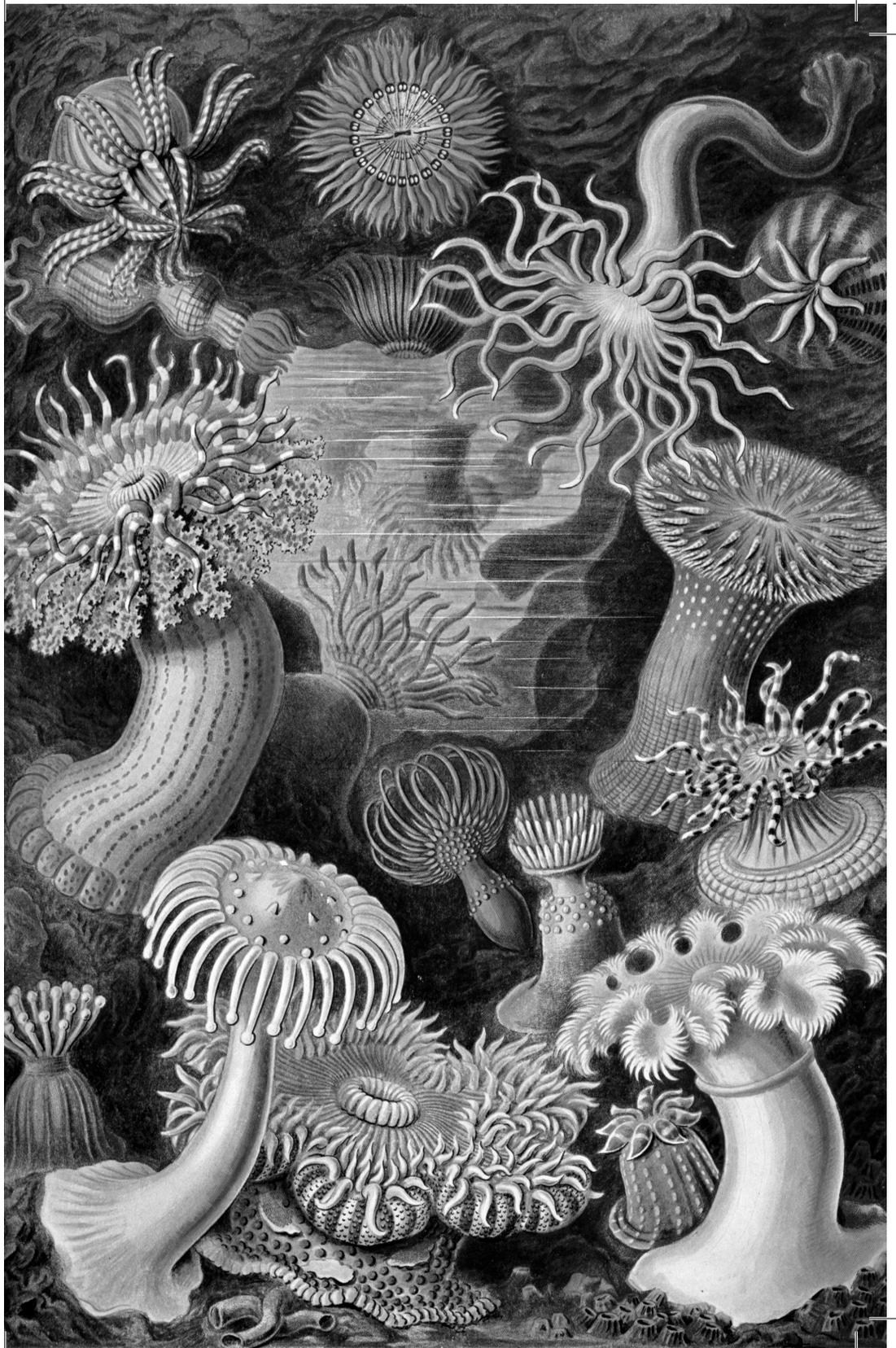
---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa : Poesia 869.108
2. Literatura portuguesa : Poesia 821.134.3-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br





a Maria Irene Ramalho de Sousa Santos



*Elle est retrouvée!  
Quoi? l'éternité.  
C'est la mer mêlée  
Au soleil.*  
Rimbaud

*De la contradicción de las contradicciones,  
la contradicción de la poesía,  
borra las letras y después respíralas  
al amanecer cuando la luz te borra.*  
José Lezama Lima

*Light traveled over the wide field;  
Stayed.  
The weeds stopped swinging,  
The mind moved, not alone,  
Through the clear air, in the silence.*  
Theodore Roethke



## FÁCIL ESCREVER

Fácil escrever na inesperada leveza.  
As mãos e as sombras numa folhagem única.  
Portas acesas. Anéis ou astros.  
As bocas seguem as alamedas sinuosas.  
Multiplicam-se as luzes do teu vestido de ervas.  
Uma cabeleira no flanco das colinas,  
carícias deslumbradas, silenciosas folhas,  
linhas de um corpo, linhas de um rio frágil e minúsculo,  
corolas de veludo e barro, corolas de água.  
Um gesto dissipa as letras, levanta o silêncio ágil.  
Reflexos, raízes na água transparente,  
monótonos caprichos de semelhanças leves.  
Ao acaso libertam-se sombras mais profundas.  
O olhar agora está ligado à terra.  
Um animal levanta-se entre as pedras com as pedras.

## CORPO DE ARGILA

Aqui, para que se abram os poros na floresta.  
Aqui o verde incendia-se, os muros tornam-se aéreos.  
Tudo é liso e nítido na grande folha do dia.  
A terra mostra as fibras castanhas e vermelhas.  
Um pássaro pousou algures na proa de uma pedra.  
A ignorância, a inocência mais completa, mais nua.  
Acaricio as lâmpadas do corpo vegetal,  
sulcos que não conheço, portas leves e verdes  
de uma casa nua, o aroma do sono,  
os simples sortilégios que se lêem nas árvores.  
Algo nos cria e nos liberta dos absurdos cercos.  
Despertámos para tocar a boca esquecida pela noite.  
Somos a folhagem e o espaço, somos uma garganta fresca.  
As sombras aquecem-nos e as estrelas visitam-nos.  
O meu corpo é de argila estou vivo e aceito o dia.

## VIAGEM SEM CAMINHO

De um sim a outro sim, viaja sem caminho.  
Com desertos de sombra, irmã viva do mar.  
Adormece embalada, desliza adormecida.  
De reflexo em reflexo, divaga entre a folhagem.  
Escrevo através do calor das suas veias.  
Ninguém te cercou de muros nem de abismos.  
Danças, quieta, no mais lúcido delírio.  
O teu grande mistério são beijos, são palavras?  
Saborosa mulher que te espojas nas dunas  
e acaricias límpida o sono azul do céu.  
É contigo que danço nas varandas do vento,  
solitária e transparente, mais viva do que nós.  
Abolida e intacta, velada e límpida  
circular de arco em arco em voluptuosa festa.  
As palavras que dizes dançam dentro do sono.

## FIGURAS

Delícia dos movimentos calmos, ecos  
talvez de um sonho, mas figuras tão vivas  
com as suas espáduas largas e vazias.  
Corpos sem sombras entre a chama e o vento.  
Adormecem no ar, navegam sem navios.  
Não vivem no mar mas na ausência que é o mar  
quando a palavra o diz. Não estão no bosque  
mas na folha que escrevo. Chega a noite das árvores  
em que eles são no silêncio uma folhagem de olhos.  
Não murmuram sequer, na mais pura cadência.  
Escrevo a lentidão das figuras serenas  
que respiram na tranquila nitidez aérea.  
Os nomes dão-lhes vida sem caminhos prévios.  
No vazio do desejo se acende o seu fulgor.  
Estão no nosso estar de campos sossegados.

## SEM SEGREDO ALGUM

Rodeio-te de nomes, água, fogo, sombra,  
vagueio dentro das tuas formas nebulosas.  
Como um ladrão aproximo-me entre palavras e nuvens.  
Não te encontrei ainda. Falo dentro do teu ouvido?  
Entre pedras lentas, oiço o silêncio da água.  
A obscuridade nasce. Tens tu um corpo de água  
ou és o fogo azul das casas silenciosas?  
Não te habito, não sou o teu lugar, talvez não sejas nada  
ou és a evidência rápida, inacessível,  
que sem rastro se perde no silêncio do silêncio.  
O que és não és, não há segredo algum.  
Selvagem e suave, entre miséria e música,  
o coração por vezes nasce. As luzes acendem-se na margem.  
Estou no interior da árvore, entre negros insectos.  
Sinto o pulsar da terra no seu obscuro esplendor.

## FRONTEIRAS NÃO FRONTEIRAS

As fronteiras são estas não fronteiras.  
No fundo, sempre, um elemento de negra exaltação.  
Mas também o espaço, o círculo intacto  
em que a beleza do mundo se oferece à superfície.  
Imolam-se os sinais rígidos, arqueiam-se as hastes luminosas  
e a fábula imediata brilha nas perspectivas.  
O vento imita as árvores, o corpo imita o vento.  
Onde está o fim das coisas? Livre, livre é o espaço.  
Onde estamos é um movimento leve e rápido.  
O que dizemos é uma vibração do mundo.  
O sim das árvores e dos caminhos, o sim do vento,  
o sim do corpo, o sim do espaço, o sim da língua,  
são páginas e páginas de ar leve e de silêncio  
e de um fogo que nasce, na imóvel velocidade,  
em que se adere ao mundo como a um corpo amado.

## A PALAVRA

A palavra é a cor que de súbito deslumbra  
e cega, brancura da surpresa, surpresa  
da brancura. Terra e vento, o espaço sem palavras,  
o sopro que se alarga, lâmpada desagregada,  
matéria de pálpebras, tremor de ombros.  
Destruída, mas erecta, simples e negra,  
rosto que se retempera na verdura das árvores  
e busca o esquecimento aberto da presença.  
Escrevo onde a palavra ainda não se diz  
entre o desejo e a água, com a língua do vento.  
A palavra volátil, a palavra densa, a palavra vazia  
esvai-se. Só o acaso irradia algum suporte.  
Chamo a mão vazia, adiro aos fundamentos  
onde o ar começa e o solo ilimitado.  
Na folha uma figura aparece com uma ferida aberta.

## FIGURAS DO AR E DA TERRA

A língua liberta-se no silêncio e no espaço.  
As graciosas folhas, as feridas nas colinas, os declives  
incendeiam-se no azul. Alguma coisa se altera  
subtil, inominável. Figuras do ar  
enlaçam-se, dissipam-se, renovam-se.  
É a hora da paixão das árvores e da inocência selvagem.  
Entre o verde divisam-se flancos amorosos.  
Uma espádua adormece na brancura dos murmúrios.  
Sobre as coxas da terra caem as cascatas obscuras.  
A vida ondula como uma árvore sob o sol.  
Em suave indolência de seiva os músculos movem-se.  
Respiram os contrários em formas simultâneas.  
É uma fábula completa, é um país de silêncios.  
Vibra, vibra o anel verde-negro da sombra.  
Belo é o desejo e belo é o seu espaço.

## ESCREVO-TE COM O FOGO E A ÁGUA

Escrevo-te com o fogo e a água. Escrevo-te  
no sossego feliz das folhas e das sombras.  
Escrevo-te quando o saber é sabor, quando tudo é surpresa.  
Vejo o rosto escuro da terra em confins indolentes.  
Estou perto e estou longe num planeta imenso e verde.  
O que procuro é um coração pequeno, um animal  
perfeito e suave. Um fruto repousado,  
uma forma que não nasceu, um torso ensanguentado,  
uma pergunta que não ouvi no inanimado,  
um arabesco talvez de mágica leveza.  
Quem ignora o sulco entre a sombra e a espuma?  
Apaga-se um planeta, acende-se uma árvore.  
As colinas inclinam-se na embriaguez dos barcos.  
O vento abriu-me os olhos, vi a folhagem do céu,  
o grande sopro imóvel da primavera efémera.